

## MOYSÉS MARCONDES E A “CONDIÇÃO FEMININA” NO FINAL DO SÉCULO XIX: UM ESTUDO SOCIOCULTURAL COM FONTES PRIMÁRIAS

Tatiana Araújo Berghauer<sup>16</sup>  
Rosemeire Odahara Graça<sup>17</sup>

Faculdade de Artes do Paraná (FAP)

### Resumo

Este artigo resultou de um estudo sociológico com base em pesquisa documental com fontes primárias. Ele toma como objeto de análise um manuscrito de Moysés Marcondes (1859-1928) sobre a “questão feminina” no final do século XIX, que se encontra no acervo da Família Marcondes de Oliveira e Sá na Biblioteca Pública do Paraná. Apresenta – a partir da análise do discurso contido no documento e com base em bibliografia dos Estudos de Gênero – um esboço de reflexão sociológica acerca das questões femininas e feministas no entre séculos (XIX e XX). Parte do imaginário masculino da elite (econômica e intelectual) curitibana – representado no texto de Marcondes – e balizado por debates desse período faz uma síntese de influências teóricas (liberais e funcionalistas) que abordaram a dominação masculina.

**Palavras-chave:** Mulheres; Século XIX; Moysés Marcondes.

### Abstract

This paper presents some results of a sociological research that takes unpublished documents as object of study. The research was developed based on key texts about discourse analysis and gender studies in order to generate a sociological understanding of the women condition and feminist issues in the late 19<sup>th</sup> and early years of the 20<sup>th</sup> centuries expressed in the documents conceived by the economic and intellectual male elite that then lived in the capital of the Southern Brazilian state of Paraná. It mainly focuses a manuscript on women’s issues written in the 19<sup>th</sup> century by Moysés Marcondes (1859-1928) that is part of the archives of the *Marcondes de Oliveira e Sá* family which nowadays integrates the *Biblioteca Pública do Paraná* collection.

### Keywords

Women; 19<sup>th</sup> century; Moysés Marcondes.

---

<sup>16</sup> Aluna do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança da FAP. Voluntária do Programa de Iniciação Científica da FAP 2012/2013 e pesquisadora colaboradora no Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Artes (GIPA). É mestranda em Sociologia do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Contato: [a\\_miuda@hotmail.com](mailto:a_miuda@hotmail.com)

<sup>17</sup> Orientadora. Doutora em Educação pelo Instituto de Educação da Universidade de Londres. Professora de História das Artes do Colegiado do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança da FAP. Integrante da Linha de Pesquisa Artes, História e Patrimônio do GIPA-FAP. Seus interesses de pesquisa são história da arte paranaense e ensino de história da arte. Contato: [rosemeireodahara@hotmail.com](mailto:rosemeireodahara@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO: UM TRABALHO SOCIOLÓGICO COM FONTES PRIMÁRIAS

O estudo apresentado nesse artigo vincula-se ao projeto “ Catalogação do acervo documental da família Marcondes de Oliveira e Sá depositado na Biblioteca Pública do Paraná”, que está sendo desenvolvido no triênio 2012/2014 pelas professoras doutoras Celina Midori Murasse Mizuta, Rosemeire Odahara Graça e Zeloí Aparecida Martins dos Santos. Esse projeto visa à leitura e organização por especialistas de um grande lote de documentos depositados há cerca de 50 anos naquela biblioteca com o intuito de uma futura catalogação para disponibilização à consulta pública. Visto se tratar de um lote composto por mais de quatro mil documentos de naturezas diversas (SANTOS, 2008, p.206), a equipe de professoras pesquisadoras dividiu o tratamento dos materiais, de acordo com o enfoque que cada uma delas tem desenvolvido nos últimos anos (Educação, Arte e Sociedade e História Política, respectivamente).

Por meio do Projeto de Iniciação Científica (PIC) promovido pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP) (instituição de ensino a qual as três pesquisadoras estão vinculadas) foram selecionados alunos e alunas daquela instituição com interesse de aprendizado em pesquisa documental, a fim de auxiliar no processo de leitura e organização dos documentos. Como uma das selecionadas, sob a orientação da Profa. Dra. Rosemeire Odahara Graça, realizei o mapeamento, leitura e análise de alguns documentos contidos no lote tendo como foco as relações de gênero – minha área de familiaridade desde a graduação em Ciências Sociais.

Ao longo dos meses de julho e dezembro de 2012, realizei a leitura e organização de 32 documentos manuscritos do acervo da Família Marcondes de Oliveira e Sá, que explicitam alguma relação com o tema “mulheres”. Dentre eles estão cartas de Jesuíno Marcondes (1827-1903) endereçadas a sua irmã “Anninha” (Anna Marcondes de Oliveira Pacheco) (?-1896) (datadas dos anos de 1883, 1890 e 1891), receitas culinárias e três textos relacionados diretamente com a *questão feminina*<sup>18</sup>. É, sobretudo, com base nestes três últimos documentos que desenvolvi a

---

<sup>18</sup> O termo “questão feminina” foi/é empregado para se referir aos problemas que envolvem a opressão da mulher na sociedade desde o final do século XIX. Refere-se aos debates sobre a condição sociocultural das mulheres ao longo dos tempos como uma problemática produzida historicamente. O termo foi mais recorrente até à Segunda Onda Feminista (anos 1960-1970), após cujos debates veio a se consolidar o conceito de “gênero” enquanto categoria de análise (SCOTT, 1995). Muitos(as) autores(as), como Simmel (2006) ou Beauvoir (1970), fizeram e ainda fazem uso da expressão, embora hoje os(as) pesquisadores/as que assim se referem à questão da opressão das mulheres, mantenham ressalvas quanto à omissão de recortes culturais, implícito nesse termo em certa medida datado. Optei por manter a expressão neste artigo, por que é utilizada por Moysés

análise apresentada neste artigo.

O olhar sociológico que lhes foi dedicado passa pela descrição das categorias abordadas e discussão dos critérios argumentativos utilizados pelo autor. Para tanto, parti de uma perspectiva de análise de discurso que, segundo Rosalind Gill (2000), está associada ao pós-estruturalismo e interessada em olhar historicamente para estes textos como construções discursivas ou estratégias narrativas de poder. Tal perspectiva apoia-se, portanto, num viés teórico que analisa o discurso considerando a narrativa em si mesma como forma de ação, “uma visão da linguagem como construtiva (criadora) e construída” (GILL, 2000, p. 247). Não se tem como pretensão, portanto, explicitar a “realidade por trás do discurso”, ou explicar a verdadeira intenção do seu autor. Sobretudo em se tratando de um texto não publicado. Se existe um potencial histórico explicativo a partir deste tipo de análise, ele se dá a partir da reflexão aqui produzida.

Assim, esta pesquisa teve como objetivo trabalhar sociologicamente um discurso histórico de um personagem importante da elite paranaense a partir de uma perspectiva epistemológica feminista.

## **O AUTOR**

Moysés Marcondes ainda é personagem curitibano pouco explorado pela historiografia. Além de escritor (poeta, crítico literário e membro da Academia Paranaense de Letras), é considerado também erudito, pesquisador e historiador. Organizou vasto material com o intuito de fundamentar uma história do Paraná (LOYOLA, 1926), além do clássico “Pae e Patrono”, biografia política e pessoal de seu pai, Jesuíno de Oliveira Marcondes. Dirigiu indústrias no Brasil e em Portugal, colaborou com imprensas locais nos dois países, presidiu a Biblioteca Rio-Grandense e publicou obras técnicas como o “Formulário Terapêutico Magistral”.

Moysés Marcondes de Oliveira e Sá nasceu na cidade de Palmeira, Paraná, a 2 de abril de 1859, filho de Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá e Domitila Alves de Araújo (?-?). Iniciou seus estudos em Palmeira terminando-os no Colégio Mueller em Curitiba, de onde foi transferido mais tarde para o Colégio Episcopal de São Paulo. Formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo e doutorou-se médico pela

---

Marcondes, refletindo a mesma preocupação do período, a de solucionar as desigualdades produzidas pela dominação masculina, sem comprometer uma suposta “natureza feminina” fundamental para o funcionamento da sociedade.

Universidade da Pensilvânia (Estados Unidos da América). Fez sua residência em Paris (França), por influência do pai, que gostaria de mantê-lo longe da política. (MARCONDES, 1926). Casou-se com sua prima por parte de mãe, Zulmira Alves de Araújo Pancada (?-?), com quem teve uma única filha, Estella Marcondes (?-?). Faleceu a 15 de março de 1928 no Rio de Janeiro.

Durante sua gestão como Diretor Geral da Instrução Pública (1892), Moysés Marcondes produziu extenso Relatório sobre as deficiências do Ensino Público no Estado e, dentre outras considerações, aponta para as diversas vantagens do acesso das mulheres à Escola Normal <sup>19</sup>. Nesse mesmo ano foi concedido àquela que se tornaria a primeira professora formada pelo Estado do Paraná – Júlia Wanderley (1874-1918) – o direito de frequentar as aulas da Escola Normal.

## OS DOCUMENTOS EM FOCO E O MÉTODO

Os escritos considerados são registros de foro íntimo de Moysés Marcondes, ainda não publicados. Embora seja uma produção masculina acerca das mulheres, Raquel Soihet (1997), nos adverte a, na falta de fontes originais, fazer uso dos discursos masculinos para acessar os conteúdos desta história (MORAIS et al, s.d.p.2).

Reunidos no “Lote 3”, provisoriamente identificado como “Textos sobre Mulheres”, os manuscritos foram caracterizados como:

- Documento 1: considerado como Texto/Ensaio, é composto por 38 folhas soltas, mais uma capa de 2 folhas agrupadas, com 15,3 x 21,5 cm (capa)/ 17,3 x 21,9 cm (folhas). Breve texto reflexivo sobre “a condição da mulher”; considera as diferenças entre homens e mulheres; propõe mudanças na educação das mulheres; critica a oposição à educação feminina e as condutas imorais dos homens. Está aparentemente inacabado; não está paginado nem totalmente ordenado <sup>20</sup>. Intitulado “Mulher” (na capa) e “As mulheres” (interior). Escrito em português, com referência ao final do século XIX, mas sem data especificada.
- Documento 2: um Texto/Literário, é composto também por 38 folhas mais uma

---

<sup>19</sup> Ver “A Escola Normal em Curitiba e o Ingresso de Mulheres” (SOUSA, NASCIMENTO E ZANLORENSE, 2012) IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (UFPB, 2012).

<sup>20</sup> A transcrição do texto foi feita com base na reconstrução lógica da continuidade de palavras ou frases, de uma folha para a outra. O Lote 3 foi transcrito e a gramática e a ortografia atualizadas.

capa de 2 folhas agrupadas, com dimensões menos convencionais como 11 x 34,6 cm (capa) 10,8 x 33,3 cm (folhas). É um conto de narrativa psicológica, escrito em 3ª pessoa, com final moralizante (espécie de parábola ilustrativa dos pressupostos enunciados no ensaio do Documento 1). Uma “esposa” traída e enganada que se separa do marido. Após dois anos, trabalhando na pobreza, o vê caído na sarjeta (alcoólatra), o resgata e tenta curá-lo. Não consegue, mas fica com a consciência tranquila por ter cumprido a sua função de “esposa”. Intitula-se “Lúcia” na capa. Está escrito em português, e data de 10.05.1898 – Lisboa.

- Documento 3: um Texto/Anotações, é composto por 7 folhas soltas (papel quadriculado), mais duas folhas agrupadas como capa, com dimensões de 13,7 x 21,1 cm (capa) 13,7 x 21,1 cm (folhas). É o documento menos expressivo para análise, aparenta ser uma espécie de resenha sobre diferentes textos. Fala da educação dos espartanos, enfocando o papel das mães em criar filhos para o estado. Salienta a importância das mulheres na vida pública. Termina abruptamente. Traz o título na capa “As mulheres”, também é escrito em português da época e não tem datação.

Todos estão em estado de conservação semelhante, com páginas amareladas pelo tempo, pequenas dobras, rasgos e buracos produzidos pela ação da deterioração do papel. Apesar disso, foi possível realizar a leitura e manipulação destes com a utilização de luvas e máscaras protetoras.

A análise que se segue baseia-se fundamentalmente no Documento 1, escolhido por ser o que mais argumentos reúne em torno da “questão feminina” de modo objetivo e organizado, dando substrato a uma melhor interpretação sobre as representações de gênero na época. Permite uma leitura relativamente clara do pensamento do autor sobre os principais temas relevantes ao debate feminista no período, apresentando suas críticas e posições. Os Documentos 2 e 3 e algumas referências bibliográficas de sua biblioteca pessoal, cujas fichas catalográficas estão no acervo<sup>21</sup>, servem como referências paliativas. Na organização que fiz das folhas não paginadas do ensaio, cheguei ao encadeamento de dois grandes blocos de texto (Parte I, e Parte II).

---

<sup>21</sup> Não conseguimos ter acesso aos livros referentes a essa biblioteca, no entanto é possível que esta ou parte desta também tenha sido doada à Biblioteca Pública do Paraná junto com o acervo documental da família e ainda lá se encontra difundida no acervo geral.

## O CONTEXTO HISTÓRICO INTELECTUAL E O MANUSCRITO “MULHER”

O período do “entre séculos” (XIX e XX), ficou conhecido como o primeiro momento de insurgência organizada das mulheres. Com reivindicações públicas por direitos civis de igualdade em relação aos homens <sup>22</sup>, o chamado feminismo da Primeira Onda – como se convencionou posteriormente para distinguir esta fase da Segunda Onda Feminista dos anos 1960-70 – tinha caráter filosófico, intelectual e político institucional. Desenvolveu-se em torno de questões como o casamento, a educação e o direito ao divórcio. Exigiam o direito ao voto, direitos civis sobre a propriedade e a igualdade de capacidades entre homens e mulheres. Era predominante marcado por mulheres letradas de classes mais elevadas.

Ao longo do século XIX diversos pensadores se pronunciaram sobre a chamada “questão feminina”, ora em defesa dos direitos das mulheres, ora em nome da “supremacia masculina”. Dentre os defensores podemos citar John Stuart Mill (1806-1873), com seu livro “A Sujeição das Mulheres” (1869) e George Simmel (1858-1918) no ensaio sobre a “Cultura Feminina” (1895). August Comte (1789 - 1857), influente filósofo do século XIX, também merece ser citado, embora não sem ressalvas. Conhecido como pai do positivismo, Comte, que quando jovem estava convencido da inferioridade das mulheres, inaugura na última etapa de sua obra uma defesa ferrenha das qualidades e potencialidades da mulher. Tal mudança se deu ao conhecer a Clothilde des Vaux – senhora com excelente formação cultural, com quem mantinha profundos diálogos filosóficos – pela qual se apaixonou. Esta fase é marcada pela influência desta mulher a quem decidiu idolatrou até seus últimos dias<sup>23</sup>. Podemos aferir que Moysés Marcondes teve contato com as ideias de Stuart Mill e de Auguste Comte, uma vez que em sua extensa biblioteca constam títulos como, *Ecce Femina: an attempt to solve the women question, being an examination of arguments in favour of female suffrage by Stuart Mill and others against the proposed change in Constitution of Society*, de Carlos White (Boston, 1870); *Catéchisme Positiviste* (1890), *La Philosophie Positive* de A. Comte, e mesmo de outras referências menos conhecidas como *De l'éducation des filles, dialogues*

---

<sup>22</sup> Embora muito antes, pioneiras do processo de emancipação feminino como Mary Wollstonecraft (1759-1797) ou Olympe de Gouges (1748-1793) já escrevessem denunciando a dominação do suposto “sexo frágil”.

<sup>23</sup> Segundo Etelvina Trindade, os três pontos-chave do pensamento comteano, na fase pós-Clothilde passam a ser Mulher, Família e Pátria (1997, p.43-62). Sua Religião da Humanidade (fase final do positivismo, transfigurado em religião ou misticismo), repousa sobre as bases do altruísmo, uma virtude, segundo Comte, feminina (VOSNE; TRINDADE, 1997).

*des mots et des opuscules divers* de Fénelons (1881), *Vielles filles* de Victor Van Tricht (1895); *La Prostitution à Paris et à Londres 1789-1877* de C. J. Lecour (1877). Sem contar os inúmeros títulos de Jules Michelet <sup>24</sup> sobre a mulher *Le Prête, la femme et la famille* (1881), *La Femme* (1882), *Nos Fils* (1870), *Les femmes de la Revolution* (1883), etc.

O Brasil do século XIX também foi marcado por inúmeras personalidades feministas de grande importância. Para mencionar algumas que publicavam na época de Marcondes: a feminista de pseudônimo Nízia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), escritora e educadora; Ignez Sabino (1853-1911) e Josephina Álvares de Azevedo (1851-?), fundadoras do jornal feminino *Família*; e também Mariana Teixeira Coelho (1857-1954), escritora e professora curitibana (COELHO, 2002). Embora nos documentos não existam referências a nenhum nome em específico (homens ou mulheres) é possível que o contexto literário local também tenha influenciado suas ponderações.

## PARTE I – A EDUCAÇÃO, O CASAMENTO E O PAPEL MASCULINO

Para Moysés Marcondes os problemas levantados na “questão feminina” têm como causa a precária educação imposta às mulheres. A educação feminina pensada com o objetivo único de fazer das moças “boas esposas”, gera em Marcondes pelo menos duas grandes preocupações: 1) é o preparo intelectual muito pequeno, que as coloca social e politicamente na completa dependência do homem; e 2) embora todas as mulheres recebam a mesma educação precária, nem todas elas casam, logo, um contingente enorme de seres humanos (do sexo feminino), sobrevive em existências sem sentido, de dependência, anulação e frustração.

Marcondes deixa claro nesta primeira parte que está tratando das mulheres de classe média e alta, numa visão elitista <sup>25</sup>, cuja educação nos “países de raça latina”, se resume à: leitura e escrita da língua vernácula e às quatro operações aritméticas, a leitura de alguns romances, “um nada de geografia, os nomes de uns

---

<sup>24</sup> Michelet é um dos historiadores mais importantes no que tange à representação da mulher na historiografia do século XIX. Embora fortemente marcada pela visão mítica, hegemônica na sociedade cristã ocidental, tanto da dualidade homem/cultura, mulher/natureza, quanto da dual faceta feminina entre a “santa” e a “feiticeira”, a história de Michelet não deixa de ressaltar o caráter “sexuado da história” (PERROT, 2010, p.173)

<sup>25</sup> Esse sentimento elitista é uma expressão da política paternalista, típica de sua época, que coloca a classe dominante na condição moral de servir de modelo às classes inferiores. Marcondes expressa essa inclinação quando afirma que “o problema da regeneração das outras, além de mais complicado, depende em muito dos exemplos e dos costumes daquelas...” (grifos meus) (p.2).

reis, e as datas de umas batalhas” (MARCONDES, s.d. p.2 -3). No plano das “prendas” femininas, os tradicionais bordados e *tricots*, sendo algumas dotadas de habilidades ao piano. Esse modelo de formação toma como parâmetro de comparação, a educação masculina das elites, na qual a formação universitária era algo comum – como legitimação moral de uma classe política e economicamente dominante – na famosa “República dos Bacharéis” (1889 -1930). A compreensão de pelo menos um idioma era indispensável e o domínio dos conhecimentos sobre a realidade social, política e econômica era praticamente obrigatório aos homens. A educação superficial das mulheres, replicada no hábito de pouca ou nenhuma dedicação aos “assuntos sérios”, só poderia, segundo ele, reforçar a situação de futilidade e pouca preocupação em que viviam estas. Essa realidade de distrações e prazeres, na qual mergulhavam – algumas na maior parte do tempo, outras por toda a vida – só estimularia sua mente já fantasiosa a depositar as maiores expectativas no casamento.

O homem é o tema sob o qual a faculdade fogosa tece as mais fantasmagóricas composições; porque o homem é o marido a que cada uma aspira; é a fonte dos prazeres que encontra na sociedade; é o gozo desconhecido, que a família rodeou de mistérios; tornando-o mais apetecido; é a lisonja sempre pronta para embalar a vaidade; é o herói do romance; o galã do teatro, o trovador das serenatas, o poeta dos salões, o namorado de sempre. Esse fruto da imaginação sem equilíbrio, fantástico, sem realidade, descomedido, penetra no sentimento; transforma-se em dominante ideal; converte-se em aspiração fervente. Chegada a tal extremo, já não há mais 'retrogradar(?)', a submissão da mulher ao homem é um fato consumado. (MARCONDES, s. d. p. 3)

Note-se que essa construção representativa do feminino como infantil, marcado por fantasias e encantamentos, é justificativa da condição de irracionalidade historicamente associada à mulher nos termos de Michelet, por meio da qual também se racionaliza a dominação masculina. E assim, com “cérebros mal fornecidos de pasto intelectual”, como a uma criança a quem tirassem os sonhos, “as solteironas: a mulher que não casa é um ser submergido, desvalorizado, anulado. Nada mais lhe resta a que se apegue:-- para nada mais a prepararam.” (grifos no manuscrito) (MARCONDES ,s. d. p.1). Ou seja, além de se tornar o único sentido na vida de uma mulher, o ideal do casamento é também responsável por gerar mais dois tipos de problemas. Um de ordem moral, a que chama de “forma frustrada de casamento”, que liberta da condição de solteiros, mas que também “desencanta, escraviza, quando mesmo não degrada”. O tipo de casamento descrito em “Lúcia” (Documento 2), em que as pessoas não escolhem livremente a união, mas só o



fazem porque a sociedade assim lhes impõe. E o outro, de ordem socioeconômica, onde conforme suas projeções geo-demográficas, um contingente enorme de mulheres fica inevitavelmente condenado ao celibato. Segundo o autor, devido às próprias condições socioculturais do período, as mulheres chegam à idade adulta, em maior número do que os homens:

A verdade, positiva, incontestável, é que, o número de mulheres, que morrerão solteiras, é de muitos milhões. Que fonte de injustiças e de desgraças não é para esta enorme quantidade de seres humanos a educação generalizada com o fito exclusivo do matrimônio? Desprezou-se por completo a eventualidade do celibato, quando bem digno de atenção eram as suas probabilidades não pequenas. (MARCONDES, s.d. p.2)

Esse discurso poderia, em coerência com o materialismo economicista, justificar uma defesa da emancipação política e econômica da mulher não tanto como uma conquista feminina, mas como uma decorrência lógica da expansão capitalista do século XIX, que se evidencia neste momento buscando cada vez mais mão de obra livre para o trabalho industrial (PERROT, 2010). No entanto a preocupação de Moysés aqui, também de caráter econômico, vai numa direção mais liberal. Resolver um ciclo vicioso que a estagnação da mulher (em sua função meramente doméstica) colocava à sociedade atual: a sociedade como um todo se torna subdesenvolvida, porque boa parte do montante de seres humanos são pessoas sem educação e sem perspectiva de desenvolvimento. Lembremos que a mulher pobre já trabalhava, e que o autor está preocupado com a mulher ociosa das elites.

Esta visão do “organismo social” fragilizado por um “órgão doente” denuncia a representação de sociedade que Moysés tem, muito própria ao funcionalismo, corrente da sociologia *durkheimiana*, que tinha forte influência sob os autores de sua época. Essa interpretação encontra eco nas fichas catalográficas da biblioteca pessoal do autor, onde constam autores como Herbert Spencer, Gustave le Bon, Charles Darwin, dentre outros já citados. O funcionalismo é a doutrina científica que atribui aos fenômenos sociais uma explicação em termos das funções que determinado fato ou instituição desempenha em relação ao todo social. Ou seja, propõe que os fatos sociais sejam explicados por sua integração no sistema social mais amplo em função de um complexo de relações envolvendo causas e efeitos, dimensão que fica bastante evidente na construção argumentativa do autor em diversos momentos do texto.

Lembremos por fim que, embora Moysés Marcondes critique as estruturas limitantes ao desenvolvimento da mulher, inclusive algumas delas determinadas pelo matrimônio, ele é um defensor da instituição. E não deixa de salientar a supremacia das funções femininas desempenhadas dentro dessa esfera tradicional:

Funções mais nobilitantes que as de esposa e mãe, jamais houvera, nem haverá com que preencha uma mulher os destinos de sua vida. Justíssima e louvável é a aspiração daquela que, em seus sonhos de donzela eleva às culminâncias do ideal a conquista do casamento de princípios e sentimentos nobres. Daí, porém, ao casamento indispensável, a todo 't...(?)', dê por onde der, a distancia é incomensurável. Esta forma frustrada do matrimônio é, porém, o refúgio único, deixado pela educação moderna, para a mulher que não pôde atingir a forma perfeita dele. (MARCONDES, s.d. p.1)

Na segunda parte do texto, veremos como ele se dedica a expor as bases do “casamento perfeito”, ao qual a mulher pode e deve aspirar.

## PARTE II – FEMINISMOS, O PAPEL DA MULHER E PROGRESSO SOCIAL

Neste segundo momento, a “questão feminina” nos é apresentada como uma posição definida no âmbito de contestações mais amplo das reformas que fermentam na sociedade ocidental no final do século XIX. Marcondes acreditava que, se radicalizadas estas demandas ameaçariam a ordem social vigente – o capitalismo industrial e a família burguesa<sup>26</sup>. Era importante então, além de lhes dar atenção, esclarecer de que forma se coloca em defesa das mulheres. Por isso o foco analítico do autor neste trecho está em: discernir entre as posições feministas extremadas (que acusa de querer aniquilar “o feminino”), e as posições de “(...) justo meio termo, nas reclamações ponderadas (...)” que tentam, segundo o autor, valorizar a mulher, fazendo com que seu papel seja reconhecido e empoderado pela sociedade. Apresenta assim, uma posição de crítica ao machismo da desonestidade e da “moral fictícia”, e advoga que a prática da justiça e da virtude própria à mulher será a saída pedagógica a essa moral decadente que hoje a escraviza.

Sabemos que Marcondes era, assim como Mill, um defensor dos direitos liberais, de modo que todo e qualquer tipo de transformação social só deveria ocorrer de modo gradual e ordenado, preservando a ordem social e econômica

---

<sup>26</sup> Lembremos aqui os movimentos socialista e anarquista – que crescem no Brasil deste período, devido à influência de imigrantes europeus. No Paraná, mais especificamente na cidade natal de Moysés, Palmeira, em 1889 o italiano Giovanni Rossi fundou a Colônia Cecília – a primeira experiência (fracassada, diga-se de passagem) de criar uma comunidade anarquista, baseada nos princípios da coletividade, no trabalho comunitário e na negação do casamento como união patrimonial. Podemos aferir também daí o repúdio que demonstra à ideia do “amor livre”.

vigente. Ao deduzir dos argumentos que classifica como “extremados”, a proposta de aniquilar a mulher, percebe-se que orienta de modo consciente, e com sutileza, a interpretação dos dados em que se baseia para afirmá-lo:

Na questão feminina, os princípios ultrarradicais, chegaram ao extremo contrassenso de pedir a supressão, o aniquilamento, da mulher. Talvez não vissem esse resultado os sectários de tais princípios; mas é fácil descobri-lo. **Basta para isso pensar que o supremo tipo dessa mulher liberada, não concentrará somente em si os mesmo direitos políticos e civis do homem, mas adotará o seu trajar; transferirá ao Estado os cuidados dos filhos; requestrará ou pedirá a mão do homem que deseje desposar, se não preferir o grau supremo da anarquia sob a forma do “amor livre”: n’ uma palavra, converter-se-há em homem.** Ora, operada a transformação, terá desaparecido a mulher. A obra das teorias extremadas terá sido o aniquilamento completo dela: a negação de tudo que tais teorias procuravam afirmar. Nunca são outros os frutos do exagero. (Grifos meus) (MARCONDES, s.d. p. 4)

A par de sua denúncia, fica evidente o limite da transformação que está disposto a aceitar, quando nos fala de emancipação da mulher. Se operarmos na mesma lógica que está propondo que se aplique aos defensores dos “princípios ultrarradicais”, compreendemos que sua reforma não deve ir muito além de algumas concessões. Se, o modo como se vestem as mulheres deve permanecer igual; o cuidado com os filhos deve prevalecer na responsabilidade materna; e a escolha do cônjuge deve continuar sendo uma condição passiva; então qualquer tipo de mudança que se mostre adequada à condição feminina deve preservar, no mínimo, essas condições tradicionais. Aqui se afigura já o perfeito enquadramento na função de professora, defendido pelo autor em 1892, e o qual era visto por outros defensores do magistério feminino neste período como “uma extensão da tarefa doméstica e maternal” (Lajolo & Zilberman, 1996, p.265 apud ALVES, 2002, p.6). Em outros momentos, vemos estratégias de argumentação para mudanças profundas no âmbito da hierarquia familiar. Nesta passagem, por exemplo, ressalta a necessidade de mais equidade no casamento:

Na família ideal – na que a evolução há-de trazer – a designação de chefe deve ser ampliada por uma terminação plural. A família, jurídica, moral e religiosamente, constituída, é, em ultima análise, a execução de um contrato. **Os cônjuges trataram como pessoas livres e iguais** e, se alienaram de si alguma coisa ou direito, fizeram-no reciprocamente. O direito, por um cedido ao outro, representa o dever correlativo assumido por este em relação àquele. **Tudo revela, entre as partes contratantes, a mais perfeita e absoluta igualdade:** em que se pode basear, sem clausula que o estipule, a vassalagem de um, à chefia da outra? Não faltará quem veja neste conceito uma fonte de desordem, pela supressão do chefe absoluto; de desarmonia, pelos conflitos possíveis da jurisdição. **O corretivo, porém, encontra-se na diferenciação de funções, de que, acima, nos ocupamos.** **A cada um dos cônjuges, diretores da família, suas funções próprias, nascidas não da usurpação, nem do capricho, mas das aptidões especiais de cada sexo que, os**

**torna mutuamente uteis e necessários.** Não são o senhor e o vassalo; o diretor e o dirigido; o forte e o fraco: mas os dois braços do mesmo corpo; os ventrículos do mesmo coração; os hemisférios do mesmo cérebro. (grifos meus) (MARCONDES, s.d. p.5)

O discurso aqui ressoa com uma perspectiva feminista típica da Primeira Onda que se convencionou chamar de feminismo da diferença. Este pensamento é marcado pela diferenciação entre homens e mulheres por meio da afirmação de suas particularidades condicionadas ao sexo biológico (expressas nas funções sociais de mulheres mães e cuidadoras e homens inteligentes e provedores). Embora esta tenha sido uma argumentação utilizada pelas mulheres num momento em que exigir educação para serem melhores mães e esposas, era a única forma de ter acesso a ela, em nada desestabiliza a hierarquização valorativa dos papéis desempenhados por cada um dos gêneros na sociedade. Afinal a maternidade é uma função biológica característica de várias espécies enquanto que a racionalidade seria a mais alta manifestação do espírito humano. Outro perigo de afirmar atributos essenciais definidos para homens e mulheres é aprisionar o gênero numa condição universal, como se este não fosse uma construção social e cultural de cada sociedade. Nessa lógica, para que o “organismo social” funcione bem todas as mulheres devem ser delicadas, maternas e emotivas, enquanto os homens devem ser racionais, competitivos e viris, em “perfeita complementariedade”. Esta determinação, no entanto, restringe as potencialidades de ambos os sexos a tais funções específicas e transforma toda e qualquer exceção em desvio ou patologia. E Marcondes reitera várias vezes esse sentido universalizante:

Nenhuma igualdade será profícua em terreno que não seja o da justiça e da virtude. O caminho para tal reforma só pode ser o da educação modificadora por excelência dos costumes, porque só ela imprime no organismo elementos persistentes em traços indelévels. Tal obra 'incumbe' às mulheres. **Como mães, como esposas, como mulheres,** lançarão nas gerações nascentes a semente da orientação nova; incutirão no ânimo dos maridos e dos irmãos, pela prática virtuosa de suas firmações, a convicção de sua importância e de sua competência; afirmar-se-hão a todos os homens impondo-lhes o respeito e a consideração de seus méritos. (Grifos meus) (MARCONDES, s.d.p.6)

Fica claro que a tarefa de iniciar o processo de mudança cabe, segundo Moisés, às próprias mulheres, tornadas sujeitos de sua própria emancipação, mas é enquanto “mães, esposas e mulheres” que o devem fazer, por meio de ações legítimas que desempenham enquanto estão nesses papéis. Mas, quais seriam as “virtudes” e os “méritos femininos” considerados legítimos, sobre essa perspectiva?

Qual o modelo de conduta adequado a essas “mulheres, mães e esposas”, capaz de se adequar aos pressupostos do “bom funcionamento do organismo social”, pautados na ordem e no progresso? Seria esta conduta assim tão distinta do modelo de feminilidade das elites, em que as mulheres recebem uma educação ligeiramente especializada e podem acumular às tarefas domésticas uma ou outra ocupação profissional? Ou bastaria o reconhecimento e valorização das funções femininas, para diminuir a opressão infringida pelos homens?

Embora Moysés Marcondes faça sérias críticas às regalias que os homens reúnem na sua condição de dominadores e advirta que não é reproduzindo essas falhas que a mulher se tornará livre, não fica claro em que medida a “condição masculina” deve auxiliar a mulher a modificar tal situação. Caberia nesta mudança uma maior participação nos trabalhos domésticos? O autor não nos dá tais respostas. Afirma apenas os ideais de justiça e moralidade, contra práticas legitimadas pelos costumes, como a infidelidade e a desonra ao contrato nupcial, praticados pelo homem. No texto literário “Lucia” , Marcondes nos dá a conhecer outros aspectos de seu pensamento, que não ficam evidentes no Documento 1, como a influência da religião nesse imaginário moral. A figura mítica de Maria, mãe de Jesus, que sofre ao ver o filho padecer pelos pecados do mundo, é a imagem que serve de exemplo ao modelo de mulher que o autor sugere como ideal. A santidade daquela que se abnega em nome do outro, que dedica sua própria vida a cuidar do outro, ainda que este não tenha requerido seus cuidados, esperado ou mesmo feito por merecê-los. Ele condena as ações do homem que não respeita as leis de contrato do casamento, mas ainda assim rende elogios à mulher, que mesmo sob todo o tipo de sofrimentos (violência física, dificuldades financeiras, humilhação pública, etc.) retorna para ocupar seu “lugar” e cuidar do marido até a sua morte por alcoolismo. A última frase de Lúcia reflete a culpa que carrega e a ideia de que teve o que mereceu: “– *Provações quem as não tem? ...desgraça? É a nossa própria revolta contra o dever que nos- a traz!...*”(MARCONDES, 1898,p.38). Em oposição à essa desoladora conclusão, fica talvez a ironia de contrapormos sua pergunta final do texto “Mulher”: “*Está a mulher moderna preparada para essa missão?*”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto de Marcondes pode ser dividido em duas partes relativamente distintas. Na *Parte I*, o autor investe numa franca avaliação da condição da mulher,

produzindo argumentativamente a constatação dos fatores que levaram à interiorização da mulher frente ao homem ao longo dos anos. Podemos destacar desta parte três argumentos: *a)* a educação desigual e precária que é destinada à mulher; *b)* o casamento como único objetivo para o qual é orientada a vida da pessoa do sexo feminino; *c)* a responsabilidade do homem beneficiado perante esse processo. Já na *Parte II*, o discurso trata de considerar os debates feministas, contextualizando o momento histórico e apontando os pontos positivos e negativos da transformação proposta. Identificamos nesta parte também três pontos principais: *d)* Feminismo radical *versus* necessidades de transformações racionais e moderadas; *e)* o papel da mulher na sociedade e sua valorização pela diferença; *f)* o desenvolvimento social e o progresso da sociedade deve passar pela superação da desigualdade entre homens e mulheres – a comunhão dos sexos rumo ao progresso, na reiteração dos distintos papéis de cada um.

A partir desse discurso é possível destacar de modo sintético dois aspectos: de um lado, no que diz respeito à dimensão moral dos costumes vigentes, submete as estruturas tradicionais a uma avaliação crítica, assumindo o repúdio à dominação masculina, que resumiu a mulher à função de escrava do marido, ser humano dependente e intelectualmente inferior. Por outro lado, ao expor críticas ao que considera ser a proposta anárquica do grupo mais radical das feministas, deixa transparecer seu caráter liberal moderado em parte ainda preso ao modelo tradicional que antes criticara. O receio conservador de se perder a suposta “essência do feminino”, por meio da busca pela igualdade entre homens e mulheres, explicita em sua posição representações estereotipadas e essencializantes das mulheres, que contribuem para uma visão limitada dessa emancipação. Sua saída pelo caminho da equidade na comunhão entre os sexos para o progresso da humanidade demonstra influências claras do pensamento funcionalista e positivista, muito evidentes em sua época.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, M. **A educação feminina no Brasil do entre-séculos (XIX-XX) - Imagens da mulher intelectual.** II Congresso Brasileiro de História da Educação: História e Memória; Relações de Gênero e Educação Brasileira. Anais, nov.2002, Natal - RN.
- COELHO, M. **A evolução do feminismo:** subsídios para sua história. 2ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná 2002.
- DUCROT, A. **A classificação dos arquivos pessoais e familiares.** Revista Estudos Históricos, vol.11, n. 21, 1998.
- GILL, R. Análise de discurso. In: \_\_\_\_\_. BAUER, M. W.; GASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2003. p. 244-270.
- GONÇALVES, A. L. **História &... gênero.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MARCONDES, M. **Pae e patrono:** Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1926.
- MORAIS, C.; CALSAVARA, E. et al. **Leituras “corretas” para mulheres “ideais”:** Educação moral do “bello sexo” para instrução da família e formação da pátria no século XIX. Caminhos do Romance, Ensaios. UNICAMP. Campinas, s.d.
- MILL, S. **A Sujeição das Mulheres.** São Paulo: Editora Escala, 2006.
- OLIVEIRA, K. **Josefina Álvares de Azevedo:** a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa Fundação Biblioteca Nacional – MinC, 2009.
- PERROT, M. **Mulheres Públicas.** São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- \_\_\_\_\_, **Os excluídos da História:** Operários, Mulheres, Prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental:** pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, São Leopoldo, ano I, número I, p.1-15, jul. 2009.
- SANTOS, Z. M. dos, A arte de escrever cartas: a experiência com as fontes. In: **I Encontro do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Artes da FAP,** Curitiba, 25 e 26 de setembro de 2008. Anais – Curitiba: Faculdade de Artes do Paraná, 2008. p.203-211.
- SCOTT, J. W. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
- SIMMEL, G. Cultura Feminina. In: **Filosofia do Amor.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

### Documentos

MARCONDES, M. **Mulher. (Documento 1: Lote 3)** Sem localidade, s.d.

\_\_\_\_\_, **Lúcia. (Documento 2: Lote 3)** Lisboa, 1898.

\_\_\_\_\_, **As Mulheres. (Documento 3: Lote 3)** Sem localidade, s. d.

LOYOLA, Leonidas Moura de. **Academia de Letras do Paraná:** discurso de recepção ao dr. Moyses Marcondes.[S.l.]: Empreza Graphica Paranaense, 1926.

VARGAS, Túlio; HOERNER, Valério; et al. Academia Paranaense de Letras : **biobibliografia** - ed. rev. Por Albino Freire, Ernani Buchmann e Valério Hoerner Júnior - Curitiba, PR: Academia Paranaense de Letras, 2011. 288 p.: il.; 16 x 21 cm. Disponível em: <[http://www.academiapr.org.br/wp-content/uploads/2013/02/biobibliografia\\_2013.pdf](http://www.academiapr.org.br/wp-content/uploads/2013/02/biobibliografia_2013.pdf)> Acesso em: 22 de maio de 2013.